



A pobreza numa das favelas do DF onde se vê, ao fundo, o Congresso

5 NOV 1995

DF - Invasão

[Handwritten signature]

Miséria ao lado do poder

BRASÍLIA — A pouco mais de 400 metros da Esplanada, perto da nova e suntuosa sede do Superior Tribunal de Justiça, 138 pessoas, ou 70 famílias, moram em 33 barracos no meio do lixo. A “Favela do STJ”, ou “dos catadores de lixo”, como também é conhecida, é formada, em sua maioria, por nordestinos que migraram para Brasília em busca dos lotes distribuídos no Governo de Joaquim Roriz. Todos sobrevivem remexendo o lixo da cidade: separam os detritos em montes espalhados a céu aberto e revendem o material reaproveitável a pequenos comerciantes que trabalham com reciclagem. As crianças, maioria na favela, brincam no meio do lixo, junto a cães e cavalos doentes e muitas moscas. Não raro sem água, luz ou esgoto.

A favela está em guerra contra o Serviço de Limpeza Urbana (SLU), que está tentando regularizar a situação dos catadores de lixo e de suas carroças, que atrapalham o trânsito.

Ontem os moradores da favela estavam em polvorosa: corria pelos barracos a informação de que cada carroça levada para a Esplanada, para uma manifestação contra o Governo, valeria uma cesta básica. Todos correram para a Esplanada e, junto com eles, favelados de outros pontos de Brasília, e também sem-terra acampados nas proximidades de cidade-satélite de Brazilândia, há 45 quilômetros do Plano Piloto, levados de ônibus pela CUT.

— Eles pediram para a gente protestar contra o Governo. Disseram que o Governo não olha pelos pobres — disse a catadora de papel Elenita Silva Ribeiro.

Elenita e um grupo de mulheres faveladas como ela pediram aos sindicalistas da CUT que lhes dessem as faixas usadas no protesto, para virar lençóis e roupas.

— A gente foi iludido. No final não teve cesta básica, só arroz — queixou-se Jurandir Martins da Silva. (R.M.)